

A Voz Serena JB 1/8/91

Poucos dias antes de chegar ao Brasil, Nelson Mandela, o líder negro sul-africano que passou 27 de seus 73 anos na cadeia como prisioneiro político, disse a um jornal espanhol que "a violência não beneficia a África do Sul, nem os negros, nem os brancos". Numa época decisiva para o futuro sul-africano, com as facções exigindo atitudes radicais, enquanto o *apartheid* submerge numa velocidade que desagrada os que querem rapidez e os que querem lentidão, a voz de Mandela se sobrepõe à de todos pela serenidade.

Mandela, que inicia hoje pelo Rio a etapa final de uma viagem a seis países, continua a defender suas posições enérgicas, entre elas a de que o levantamento do bloqueio econômico à África do Sul se deu de forma precipitada, antes de obter os efeitos desejados. Segundo ele, algumas das leis discriminatórias consideradas pilares do *apartheid* foram de fato abolidas, mas o desaparecimento delas não significa o fim do *apartheid*. A luta, portanto, continua. A África do Sul não resolverá seus problemas numa única penada.

O próximo passo, a mudança da Constituição para permitir a eleição geral com o voto de todos os cidadãos, contém em si o nó da questão. Quando perguntaram a Mandela se podia prever a data da eleição, ele respondeu que se trata de previsão difícil. Realismo maior, impossível. Com ou sem a concretização da fórmula mágica *um homem, um voto*, brancos e negros estão condenados à parceria, e também à moderação, mesmo que os negros exaltados se manifestem impacientes e os brancos conservadores queiram frear o ritmo das reformas.

Os grandes movimentos históricos se processam em ritmo desigual, ora com uma demora

exasperante, ora com rapidez. Na África do Sul, os negros não têm alternativa de tomada do poder, nem os brancos podem eternizar os privilégios. Ambos estão metidos até o pescoço na aventura da eliminação do *apartheid* e na busca da igualdade de oportunidades. A meta de um governo multirracial, que impeça a ascensão de um grupo em detrimento do outro, pode parecer utópica, mas no futuro será inevitável. Mandela é uma prova disto. Depois de 27 anos na cadeia, fala como se não tivesse nenhum ressentimento — virtude escassa num continente que apresenta aspecto desolador. Na África, depois da descolonização, sob o signo da herança racista imposta pelas ex-metrópoles, o lema *África para os africanos* marchou direto para o desastre.

As tentativas de reforma empreendidas pelas principais cabeças africanas, as que não pereceram ou as que foram cortadas (Cabral, Lumumba), converteram-se em experimentos políticos incapazes de dar aos africanos pão, paz e liberdade. A arcaica vertebração social e econômica truncou a possibilidade de eludir formas tribais sectárias, guerras racistas ou caciquismo. Não há nenhum país estável na África sub-sahariana. Os grandes do mundo não se interessam mais pelo continente, espoliado já de suas riquezas. Politicamente, metade dos países africanos é governada ainda por ditadores militares ou regimes de partido único.

Nelson Mandela é atualmente o único líder africano com projeção mundial, exemplo vivo da África que não deseja continuar de joelhos, símbolo de uma nova esperança. A luta contra o racismo, a mais importante de todas as lutas, demonstra que a dignidade é parte inalterável da vida.